

POLÍTICA ECONÔMICA

Econo-Brasil

Recessão poderá

GAZETA MERCANTIL

por Cynthia Malta
de São Paulo

(Continuação da 1ª página)

ocasião funcionou como uma "estratégia de travesia" até o anúncio do Plano Verão, em janeiro de 1989, que estava sendo preparado desde o final do primeiro semestre do ano anterior.

"A intenção era terminar o ano (1989) com uma inflação de 10%. O plano fracassou porque faltou a parte fiscal. O Congresso rejeitou a privatização, exigiu a recriação do Ministério da Ciência e Tecnologia, entre outras coisas", lembrou Mailson.

Para este ano, o ex-ministro prevê que a inflação deverá manter-se no patamar de 15%. "Não prevejo explosão inflacionária nos próximos três meses."

A atividade econômica, no entanto, o preocupa. Ele estima uma queda em torno de 4% do Produto Interno Bruto e "um desempenho não além do mediocre para o próximo ano".

A maneira como a equipe econômica está conduzindo a negociação da dívida externa também preocupa o ex-ministro. "Estão se criando condições para um impasse com os credores." Aquelas autoridades brasileiras que prevêem um processo de conversações demorada com o comitê dos bancos, Mailson lembra que "o tempo corre a favor dos credores". Ele não descarta a possibilidade de uma crise cambial em função da redução do crédito internacional. "As reservas deverão começar a cair", diz.

Mailson Ferreira da Nóbrega

Econo-Brasil
Recessão
poderá

GAZETA MERCANTIL

chegar

05 NOV 1990

cedo
por Cynthia Malta
de São Paulo

O ex-ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, acredita que a recessão deverá chegar mais cedo e em maiores proporções do que o governo está prevendo. Em sua opinião, "o governo está usando a estratégia errada, a da intimidação", no relacionamento com os agentes econômicos.

"É ilusório pensar que o empresário vai reduzir margem de lucro por causa de um apelo patriótico", diz Mailson, cuja passagem pelo Ministério da Fazenda do governo Sarney foi marcada por encontros constantes com a comunidade empresarial. "Usávamos a estratégia da saliva. Não tínhamos a política monetária e nem a fiscal para combater a inflação. Só podíamos controlar as expectativas e é nisso que o atual governo está falhando", afirmou em entrevista a este jornal.

A tentativa de se promover um pacto social é válida". Mas o ex-ministro avisa que "ninguém deve esperar muito desse pacto". Ele conhece os interlocutores, do lado dos empresários e dos trabalhadores, e questiona a sua representatividade. "O empresário, só porque representa uma associação, não significa que possa garantir um comportamento uniforme de toda a classe e o sindicalista também não pode prometer que não ocorrerão greves", diz.

No final de 1988, quando o País temia a chegada da hiperinflação, o ex-ministro articulou um entendimento semelhante, batizado na época de "acordo de cavaleiros". "Deu certo. Mas as circunstâncias eram outras. Havia o perigo da hiperinflação e, na verdade, estávamos apenas ganhando tempo para, no início de 1989, darmos o choque." O acordo obtido naquela

(Continua na página 6)